

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
HISTÓRIA, MEMÓRIA E A CIVILIZAÇÃO DO CORPO: PENSANDO A
FORMAÇÃO DOCENTE

Adrielen Amancio da Silva
adrelen.amancio@gmail.com
UEL

João Fernando de Araújo
joaofernandojbt@hotmail.com
UEL/UENP

Martinho Gilson Cardoso Chingulo
cardosochingulo@gmail.com
UEL

Adriana Regina de Jesus Santos
adrianatecnologia@yahoo.com.br
UEL

Eixo 3: EDUCAÇÃO SUPERIOR.

Resumo

Ao verificarmos o movimento histórico ao qual a nossa sociedade ocidental se constitui, vemos que o corpo feminino sempre esteve sob observação, julgamento e manipulação da sociedade. Também observamos que essa tentou, ao longo do tempo, controlar esses corpos e impor comportamentos que os padronizassem. Temos então como objetivo desse trabalho refletir sobre a importância de entender o papel que a História e a Memória desempenham nas representações sociais, principalmente quando falamos da civilização dos corpos e pensar sobre proposições de como se trabalhar com essas temáticas na formação docente em Pedagogia. Nos resultados e discussões apresentamos as reflexões e apontamentos com relação a uma reportagem de 2017, que nos revela que 99,6% das mulheres já foram assediadas na rua; fazemos ainda uma interligação sobre como o processo de civilização dos corpos está embutido no imaginário social, transportando para a forma como tentamos controlar os corpos também das crianças e finalizamos reforçando a importância de termos essas problemáticas na formação docente.

Palavras-chave: História e Memória 1. Formação docente 2. Civilização do corpo 3.

Introdução

Entender o processo constitutivo das representações sociais não é uma tarefa fácil. Todavia, é de fundamental importância para que possamos perceber a complexa teia de relações que estrutura e faz funcionar toda a sociedade. Por meio das representações sociais, a sociedade revela suas ideologias, premissas, valores e práticas. No seio dessas representações, encontra-se o processo de civilização dos corpos, que como veremos no decorrer da discussão foi algo preconizado na Idade

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Média, principalmente pela Igreja, para controlar e moldar os corpos, principalmente o feminino.

Tendo essas discussões como parte da nossa formação docente, consideramos relevante o debate sobre a temática para que ele possa contribuir para questionarmos a concepção do corpo feminino como justificativa para a naturalização do assédio. A necessidade de se discutir essa questão, se concretizou a partir de uma reportagem publicada no site do Governo Federal, no ano de 2017, que retratava sobre as consequências físicas e emocionais sofridas pelas vítimas.

Nessa perspectiva, desenvolvemos nesse trabalho reflexões sobre a Memória e História, dialogando com a civilização do corpo na Idade Média, para em seguida, tecermos considerações sobre os reflexos dessas representações na contemporaneidade. A partir disso, reforçamos a ideia de se pensar a importância de ter temáticas como essa na formação docente, levando em consideração a docência das professoras e professores que tem como intenção promoverem uma educação que rompa com estereótipos opressores sobre padrões de civilização do corpo.

Objetivos

Com este trabalho objetivamos:

- Refletir sobre a importância de entender o papel que a História e a Memória desempenham nas representações sociais, principalmente quando falamos da civilização dos corpos e pensar sobre proposições de se trabalhar com essas temáticas na formação docente em Pedagogia.

Metodologia

Esta produção trata-se de um estudo teórico de caráter bibliográfico, que conforme nos apresentam Lakatos e Marconi (1992) é um dos primeiros e principais passos para uma pesquisa científica. O estudo teórico aqui realizado foi preconizado ainda na graduação em Pedagogia, durante o componente curricular “Fundamentos e práticas do Ensino de História”, da Fundação Universidade Federal de Rondônia e complementado com os estudos no grupo de pesquisa “Currículo, Formação e atuação do/a Pedagogo/a” da Universidade Estadual de Londrina, mais especificamente no subgrupo “Gênero, Educação e Docência”.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Para o desenvolvimento do aporte teórico, elencamos sobre a Memória e a História como um processo histórico, vinculando essas na construção do imaginário social contemporâneo com relação a civilização do corpo. Nas discussões apresentamos uma reportagem publicada no *site* do Governo federal no ano de 2017 sobre assédio¹. Atualmente, essa reportagem não consta mais no mesmo *site*, visto que a “Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) foi extinta do atual governo, porém consideramos essa reportagem ainda muito atual, para questionarmos algumas questões relevantes, que podem e devem ser trabalhadas na formação docente em Pedagogia, visto que essa é uma área historicamente predominada pela presença feminina.

Referencial teórico: História, Memória e a Civilização do Corpo

Para iniciarmos essa discussão é preciso saber que História e Memória não são sinônimos. Para explicar Motta (2003) retrata que antes mesmo de questionarmos os transmissores de determinada lembrança é preciso saber que em uma sociedade há várias memórias. Em meio a isso é interessante refletir sobre quem e o porquê se quer lembrar determinada situação, já que as memórias mudam conforme o tempo passa, e conforme as demandas do presente, a sua importância também varia com o tempo.

A Memória está sempre em evolução, em um movimento dialético da lembrança e do esquecimento. A memória é vista como processo de rememorações, fruto do trabalho de refazer, com as ideias atuais, as experiências e imagens do passado. Deste modo, busca-se por um esforço, que une a educação nesse processo, se reconstruir o passado por meio das realidades presentes, isto significa também, que a memória se configura como sendo um registro – corporal, documental e afetivo – determinado pelo exercício de lembrar e, ao mesmo tempo, selecionar o que se pretende esquecer. Sua importância também se dá por constituir as experiências, afetos, práticas e saberes que os sujeitos/grupos se ocupam em preservar, por esse motivo, ela é importante para determinados grupos sociais, a medida em que a partir

¹ A reportagem está disponível em: <<https://www.soma-ne.com.br/2017/03/assedio-afeta-saude-fisica-e-emocional-das-mulheres/>>. Acesso em 24 Set. 2019.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

dela, a memória viabiliza uma organização das experiências com o mundo e as suas devidas reparações (CANDAU, 2018; ALBERTI, 2005; BOSI, 1994).

A Memória se torna a vida, que é carregada pelos grupos vivos. Já História, por sua vez, é a reconstrução daquilo que não existe mais, uma representação do passado. A Memória é sempre atual e se alimenta de lembranças, enquanto que a História, por meio de uma operação intelectual, precisa de uma análise e de um discurso crítico (NORA, 1993). Mesmo estando cientes de como é complicado construir história, Motta (2003) nos mostra que há a possibilidade de estarmos construindo apenas Memórias.

Apesar de estarem vinculadas uma a outra, principalmente porque a Memória é uma fonte histórica para a História, ainda sim verificamos que essas duas são diferentes. E isso não deslegitima suas importâncias para o desenvolvimento da sociedade, pois é por meio delas que conseguimos retornar ao passado, conhecer, ou pelo menos ter uma noção, de como foram sendo constituídas nossas origens.

Motta (2003) nos apresenta divisões dessa Memória que pode ser individual, coletiva e nacional. A Memória Individual pode ser caracterizada como aquela em que os indivíduos se recordam no sentido literal, físico, ou melhor, para que ela se concretize enquanto fato social é preciso que seja passada verbalmente para alguém. Quando se fala em Memória Coletiva a autora reforça que há uma multiplicidade de memórias coletivas, pois elas pertencem a um determinado grupo, assegurando coesão e solidariedade aos seus componentes. E a Memória Nacional vem como unificadora e integradora, ela procura harmonizar e escamotear os conflitos. Assim ela está diretamente ligada aos elementos constitutivos da Memória. E esses elementos reiteram que a Memória é um fenômeno socialmente construído.

Sua construção não implica somente lembrar, mas também esquecer, ou seja, a amnésia social (MOTTA, 2003). Ao fazer a escolha do que deve ser lembrado, há aqueles fatos que também são esquecidos. Mas quando falamos de grupos sociais, devemos estar cientes que existem projetos de esquecimento, coisas e fatos não devem ser lembrados, sob pena de ser ameaça a unidade de um determinado grupo.

Assim, percebemos quão importante é a Memória e a História dentro da sociedade, pois a Memória, apesar de ser modificada ao longo do tempo, pode ser considerada matéria prima da História, uma vez que conhecer a História é lidar inevitavelmente com as memórias. Pensando nisso, qual História realmente tem sido

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

retratada em nossas instituições de ensino? Como os movimentos sociais, o processo de lutas contra a marginalização, tem sido ensinado? Quem são considerados protagonistas na construção da sociedade? Refletir sobre essas questões é o primeiro passo para entendermos como se dá o processo da própria construção da História, enquanto matéria registrada, que ficará para gerações futuras. Isso também nos leva a refletir sobre o processo formativo, ou seja, sobre como a formação docente tem propiciado possibilidades de rompimento com estereótipos e exclusões construídos historicamente no imaginário social, principalmente sobre o feminino e o masculino.

Nesse sentido, pensando em refletir sobre o papel da História e da Memória na civilização do corpo (na maioria das vezes feminino) na sociedade atual, é interessante sabermos sobre a abordagem e representação do corpo feminino na Idade Média. Os dados históricos que Le Goff e Truong (2006) apresentam nos ajudam a entender sobre as heranças que ficaram dessa época, assim como também, nos ajudam a pensar sobre a figura da mulher no meio desse processo de civilização do corpo.

Por isso é importante sabermos que com a sociedade medieval, a Igreja se dedica a controlar o corpo, na verdade se perpetua um olhar negativo em relação ao corpo, que surge com os gregos, com a ideia de que o corpo é receptáculo da alma, e esta, se salva ao ser libertada do corpo físico.

Este olhar cria regras de comportamentos que entra nos domínios da vida social e privada, estabelece padrões e impõe modos de se viver. “O cristianismo instituído e a sociedade da corte nascente vão ‘civilizar o corpo’ através da instituição das boas maneiras.” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.133). Com essa ideia de que era preciso civilizar o corpo, são criadas regras de comportamentos que vão influenciar como a sociedade deve se portar em ambientes privados e públicos, como por exemplo, em práticas alimentares, boas maneiras, questões sobre o nu e o vestido, sobre o banho, entre outras situações que antes eram tidas como normais, mas com as intervenções a Igreja começam a ser consideradas pecaminosas e que precisavam ser modificadas.

Dentre essas questões aparece a nudez. Na Idade Média não há o pudor com o corpo, a nudez não era um problema, pois nas famílias, todos os membros dormiam juntos. Essa proibição da nudez começa a ser destacada com a Igreja, com argumentos que enfatizavam que o “estar nu” pode trazer a cometer pecados de luxúria. “[...] mesmo no estágio do casamento, o nu permanece uma

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

situação perigosa. E a representação de cônjuges nus em um leito pode ser percebida como um sinal de luxúria.” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 140).

O corpo feminino tem um destaque diferenciado, pois segundo Le Goff e Truong (2006) a nudez feminina no início da era moderna passa a ser retratada como algo religioso, tendo como exemplos Eva e Adão, que no início do século XIV e XV eram vistos como algo divino. Após isso, Eva nua passa a ser vista como uma figura pecaminosa. Com isso a figura de Maria, mãe de Jesus, começa a ser comparada a figura de Eva, ou seja, de lado a Eva, a tentadora e pecadora, de outro surge Maria, a redentora. “É a beleza sagrada diante da beleza profana.” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 143).

As regras de comportamento, sobretudo com a expressão de “civilizar o corpo”, são heranças que permanecem fortemente impregnadas no imaginário social. Esse enfoque é dado ao corpo feminino, principalmente quando se fala no que esse corpo feminino deve ou não vestir. Um dos exemplos mais marcantes que podemos citar é sobre como a vestimenta tem se tornado forma de culpabilizar vítimas de crimes, como assédio moral e sexual. Assim, pensar a relação existente entre o corpo feminino, Memória e História, percebemos que as mulheres acabaram se tornando reféns de uma sociedade que, além de torna-la invisibilizada diante da história, colocou seu corpo como objeto que sempre precisou ser controlado.

Nesse sentido, no próximo tópico apresentamos uma discussão sobre uma pesquisa desenvolvida em 2017, sobre assédio, como explicado na metodologia, e traremos considerações sobre como é importante ter essas temáticas do cotidiano, sendo vinculadas a uma relação histórica e fundamentada pela teoria, para entendermos o próprio desenvolvimento da sociedade, assim como também para pensarmos em práticas docentes não excludentes, principalmente com relação as mulheres.

Resultados e discussões: A civilização dos corpos e sua representação na sociedade atual: pensando a formação docente

Ao retomar a nossa discussão inicial sobre história e memória, percebemos que o tempo todo guardamos memórias e por meio dessas, fazemos a história. Quando Le Goff e Truong (2006) apresentam sobre a nudez feminina, revelando-nos que essa é tida como um ato de luxúria, leva-nos também a refletir

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

sobre como essa tradição ainda é reproduzida atualmente. Principalmente quando retratamos não apenas a nudez em si, mas a forma como essa figura feminina está vestida.

Ao observar essa pesquisa: **“Cerca de 99,6% das mulheres já foram assediadas na rua. Mais de 80% escolhem rotas e roupas diferentes** para fugir do constrangimento **[grifo nosso]**”, vemos que as questões sobre o corpo feminino, ainda hoje tem grande influência sobre as regras de comportamento e da nudez descritas por Le Goff e Truong (2006). E quando trazemos para a sociedade ocidental, onde a grande maioria da população é cristã, verificamos que o corpo feminino, quando se apresenta demasiadamente a amostra, ainda permanece os discursos de práticas como “pecaminosas”. E pensando um pouco mais além, ao se tentar justificar os motivos pelos quais o número de mulheres que sofreram algum tipo de assédio é de 99,6% no Brasil, verificamos que a culpa se recai claramente na vítima, pelo modo como essa estava vestida.

Autores como Londa Shiebinguer (2001); Betina Lima (2013), Osada e Costa (2006), Fox Keller (2006), dentre outras pesquisadoras feministas, discutem sobre essas questões, e nos mostra que ao longo do percurso que as mulheres seguem até chegar na sua carreira profissional, muitas delas, para poderem ter credibilidade no trabalho, e até mesmo para serem aceitas como profissionais, foram preciso mudar totalmente o seu estilo de vida. Ou seja, apagar a feminilidade presente nas roupas, em atitudes, no modo de falar e até mesmo de se portar diante de profissionais homens para deixar prevalecer uma masculinidade. Muitas mulheres precisaram obscurecer seu sexo para serem aceitas e não passarem por assédios morais e sexuais.

Por isso, a importância de estudos que contribuam na discussão dessas questões, assim como também de pesquisas que mostrem como as mulheres são capazes de serem femininas (ou masculinas, isso irá depender da escolha dessa mulher, sem ser obrigada a seguir um padrão) e serem profissionais de excelência nas mais diversas áreas. Pois, enquanto os registros da história continuarem mostrando as mulheres apenas como vítimas da sociedade e não como também contribuidora da sua construção, a história continuará reforçando a ideia que a mulher não pode ter “voz e nem vez”. Ou ainda que a mulher nua, ou com vestimentas que não seguem os padrões da sociedade, merecem ser punidas, pois representam uma figura do “pecado”.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O processo da civilização do corpo, como visto no tópico anterior, teve um enfoque diferencial para as mulheres e acrescentamos também que as crianças, atualmente, acabam passando por esse processo no ambiente escolar. Porém, a tentativa de controlar os corpos não se inicia na escola. Ela não é a instância primeira que controla e priva a expressão corporal das crianças. Antes de adentrar a escola, a criança se encontra inserida nas instâncias sociais, como a família e a igreja, e esse meio cria regras, dita comportamentos e estabelece padrões. Todas essas influências tornam o corpo da criança

Uma espécie de retrato ou radiografia do social, no qual a infância é concebida como uma construção social, cultural, política e histórica. O corpo, independentemente do recorte etário, mas, sobretudo, na infância, pode ser concebido como um objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações, signos e marcas sociais, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita (SILVA, 2010, p. 218).

Nesse sentido, a criança também passa pelo processo de civilização do corpo. A sociedade dita desde a cor da roupa até os comportamentos tidos como adequados para as meninas e para os meninos. É nesse processo que se inicia a civilização do corpo. Essa civilização perpassa a infância e se encontra estabelecida em todas as outras etapas etárias.

E como na maioria das vezes serve para controlar, nem sempre é um processo positivo, uma vez que não acolhe os sujeitos que não aceitam ser civilizados ou que não se encaixam nos padrões estabelecidos. É nessa divergência entre a autonomia do sujeito em decidir como se vestir e se comportar contrapondo os comportamentos e padrões estabelecidos culturalmente e impostos pela sociedade, que surgem processos de discriminação, preconceito e exclusão. Nessa perspectiva, nossa discussão se desloca para a formação docente em Pedagogia, destacando que é importante olharmos para a História, para a Memória e para a civilização do corpo, para compreendermos e pensarmos em possibilidades de contribuir na construção do respeito e na valorização da diversidade.

Por isso a importância de levar essas temáticas para sala de aula, principalmente na formação inicial docente. Como pode ser observado, o nosso texto, se apresenta como uma proposta concreta de como essas temáticas podem e precisam ser discutidas e trabalhadas na universidade. Nós ainda apresentamos

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

sobre o que é História e Memória, assim como também sobre a civilização do corpo, e esse movimento nos ajudou a questionar sobre a representação que o corpo tem na sociedade atual, por meio da reportagem apresentada, e finalizamos com uma ligação ao corpos infantis, que acabam também passando por esse processo de civilização, para se ter corpos quietos e contidos.

Nesse sentido, nós, enquanto professoras e professores precisamos sempre, adaptar essas temáticas para se trabalhar o respeito ao outro, ao corpo do outro, as ideias do outro, assim como também o respeito ao nosso próprio corpo. A melhor maneira de fazer esse movimento é disponibilizar diferentes registros históricos, contextualizar esses registros e dar a possibilidade dessas e desses futuros profissionais refletirem e fazerem uma conexão com a nossa sociedade, e com a própria instituição escolar.

Fazer esse movimento de reflexão, de estudo, e de intervenção, quando necessário, é uma das formas de dar visibilidade a grupos que nem sempre estão em discussões na formação docente. É uma forma dessas e desses futuros profissionais perceberem como podem modificar sua prática entendendo o movimento histórico. É entender a importância de saber o “outro lado da história” e de sempre ter o respeito como parte central em tudo que realizamos.

Considerações Finais

Diante das considerações tecidas até aqui, pode-se concluir que a formação docente, enquanto também espaço de formação humana e cidadã, precisa discutir essas questões tão latentes sobre a história das mulheres, sobre a civilização dos corpos, sobre o papel da História e da Memória para entendermos as construções sociais que se cristalizam no imaginário das pessoas. Isso contribuirá para que o quadro de desigualdades possa ser discutido e pensado em novas proposições de mudanças.

Não há como conceber a formação docente sem proporcionar debates que fazem parte da nossa constituição enquanto sujeitos, ou seja, da nossa história humana. Assim, quando estudamos e compreendemos esse movimento histórico, somos capazes de interpretar com mais clareza os movimentos sociais que lutam pela justiça social; as críticas dispostas nas formas de controle corporal (das mulheres e das crianças), como mostramos no decorrer do texto e como as

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

concepções e estereótipos são fortalecidos e naturalizados pelo também movimento histórico que se constitui na memória.

Ao retomarmos o nosso objetivo, que foi “refletir sobre a importância de entender o papel que a História e a Memória desempenham nas representações sociais, principalmente quando falamos da civilização dos corpos e pensar sobre proposições de se trabalhar com essas temáticas na formação docente em Pedagogia.”, verificamos que trazer temáticas como essas, na formação docente, podem contribuir para uma desconstrução de concepções preconceituosas e machistas que está impregnada no imaginário social e que acabamos por reproduzir em nossa prática docente.

Enfatizamos ainda que é preciso mudar o olhar que se tem sobre as mulheres, assim como também das próprias crianças, lhes dar voz, lhes permitir uma nova existência. Isso tudo é importante para que o corpo não seja tido como uma prisão, um fardo ou até mesmo como um motivo para a violência. Não há como conceber o corpo da mulher como justificativa de acentuar o machismo como algo normal. Por isso é preciso trabalhar a ideia do respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, para que as mulheres, assim como as crianças, não aceitem a ditadura da beleza, amem seus corpos, sintam-se livres para se vestirem e agirem como quiserem. Esse processo, por mais difícil que possa parecer, nos dá a possibilidade de questionarmos certos padrões, assim como também de pensarmos em práticas mais inclusivas.

Referências

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. **cadernos pagu**, n. 27, p. 13-14, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **História Do Corpo Na Idade Média**, Uma. Editora Record, 2006.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Estudos Feministas**, p. 883-903, 2013.

MIRANDA, Tereza Lopes.; SCHIMANSKI, Edina. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, Aparecida de Jesu (org). **Relações**

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, pp. 66-91. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/btydh/pdf/ferreira-9788577982103-05.pdf>>. Acesso em: 05 Jul. 2017.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e Memória. **Cadernos do CEOM**. Chapecó, SC: Ed. Argos. v.16, n.17. Jun. 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, Projeto História n. 10, dez. 1993.

OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria Conceição da. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos na biologia molecular. **Cadernos Pagu [online]**, Campinas–SP, n.27, p. 279-299, jul.- dez., 2006.

OSADA, Neide Mayumi et al. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular. **Cadernos Pagu**, 2006.

SHIEBINGUER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru–SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **POLITEIA: Hist. E Soc.** Vitória da Conquista - BA, v.8, n.1, p. 223-231, 2008.